

Inspirações a partir de Carl Orff: uma perspectiva de educação ambiental mediada pela música

Inspiration from Carl Orff: a perspective of environmental education mediated by music

Milca Maria Cavalcanti de Paula

Universidade Federal Rural de Pernambuco

milcanti@hotmail.com

Carmen Roselaine de Oliveira Farias

Universidade Federal Rural de Pernambuco

carmen.farias@ufrpe.br

Rita Paradedda Muhle

Universidade Federal Rural de

rpbio@hotmail.com

Resumo

Este trabalho teve o objetivo de refletir e relacionar a música ao processo de educação ambiental, no sentido de desenvolver um olhar crítico e sensível para o lugar. A proposta teve natureza teórica e ensaística, derivada da experiência docente em um movimento interpretativo. Defendemos a proposta de uma educação ambiental crítica, que se estenda além dos muros da escola como parte das vidas dos sujeitos e, por isso, argumentamos em favor uma educação baseada no lugar. A isso acrescentamos argumentos em favor de uma ferramenta que também faz parte do cotidiano do estudante, a música, que é um fenômeno presente em todas as culturas e épocas da história. Nesse sentido, apresentamos uma perspectiva educativa e musical a partir da obra pedagógica do educador alemão Carl Orff, que envolve uma dimensão subjetiva e implica sentimentos e emoções de pertencimento cultural e ambiental.

Palavras chave: educação ambiental, lugar, ensino, música

Abstract

This work aimed to reflect and relate music to the process of environmental education, in order to develop a critical and sensitive look at the place. The proposal had a theoretical and ensaistic nature, derived from the teaching experience in an interpretative movement. We advocate the proposal of a critical environmental education, which extends beyond the walls of the school as part of the lives of the subjects and, therefore, we argue in favor of a place-based education. To this we add arguments in favor of a tool that is also part of the student's daily life, music, which is a phenomenon present in all cultures and times of history. In this sense, we present an educational and musical perspective from the pedagogical work of the German educator Carl

Orff, which involves a subjective dimension and implies feelings and emotions of cultural and environmental belonging.

Key words: environmental education, place, teaching, music

Introdução

Partimos do pressuposto de que a educação ambiental deve indagar a natureza dos problemas socioambientais que são crescentes na atualidade, questiona-se o modelo atual de sociedade e as consequências na vida do planeta. O viés crítico, contudo, não descarta de uma abordagem sensível sobre o ambiente que compartilhamos. Pensamos aqui em refletir e relacionar a música ao processo de educação ambiental, considerando que a música pode se converter em uma ferramenta interessante para o processo de educação ambiental, especialmente quando se tem a intenção de desenvolver um olhar atento ao lugar (RESOR, 2010). Na educação ambiental é válido destacar a importância de preservar nossa casa compartilhada e refletir sobre as ações humanas que implicam em transformações de diferentes níveis da nossa relação com o ambiente. O nível do lugar de vida, da casa e da vizinhança, e a esfera planetária da qual participamos como humanidade, constituem a um só tempo patamares complementares a partir dos quais podemos considerar nosso pertencimento e experiência no mundo.

Em nossos processos educativos, é corriqueiro aprender a pensar o mundo a partir de polaridades excludentes: natureza/cultura, corpo/mente, sujeito/objeto, razão/emoção. Porém, precisamos lembrar que na experiência direta não há tais separações. Somos ao mesmo tempo cultura e natureza, mente e corpo, sujeito e objeto, constituímos parte deste mundo sensível, concreto e híbrido. Acreditamos que é tempo de mudar as lentes e as formas de reorganização do saber. Abrir um espaço de mediação dos saberes onde cada um desses elementos que foram historicamente separados se encontre, enfim, reunidos. É nesse sentido que acionamos a arte como via de acesso à educação ambiental (BARBOSA, 1991) e, em particular, elegemos a música.

A metodologia que empregamos é ensaística, embasada em uma atitude teórica que ressoa em nossa experiência de vida docente e nas leituras que trazemos. Como ensaio, entendemos o escrito que nos permite experimentar a partir do que compreendemos e sentimos, fazendo uso de nossas habilidades reflexivas e interpretativas. De um certo modo, inspiramo-nos em Larrosa (2003):

O ensaio não procede nem por indução ou dedução, nem por análise ou síntese. Sua forma é orgânica e não mecânica ou arquitetônica, nisso se parecendo com as obras de arte, especialmente com a música e a pintura. O ensaio se situa, de entrada, no complexo (LARROSA, 2003, 112).

O ensaio está organizado em três sessões. Na primeira tratamos da educação ambiental na intersecção com a noção de lugar, que tem sido uma bússola em nossa atuação de educadoras ambientais. Na segunda, enfocamos os lugares da música, que é mais que uma ferramenta de comunicação e educação, é parte de nós pois constitutiva de nossas culturas e promotora de experiências sensíveis. Na terceira, trazemos Carl Orff, o conhecido compositor alemão, famoso sobretudo por sua cantata Carmina Burana, buscando com ele compor considerações sobre a educação pela música atravessada por questões atuais do ambiente.

Uma educação ambiental a partir do lugar

A educação ambiental deve ser tratada em sua complexidade transdisciplinar e como área atuante no cotidiano das pessoas que pode produzir conhecimento através das experiências vividas. A educação ambiental não deve ser tratada como algo distante do cotidiano das pessoas, mas como parte de suas vidas. No decorrer dos últimos anos, os que atuam na área da educação ambiental têm gradualmente tomado consciência da riqueza e da amplitude do assunto. Temos hoje convicção de que o meio ambiente não é simplesmente um objeto de estudo ou um tema a ser tratado entre tantos outros. A trama do meio ambiente é a trama da própria vida, ali onde se encontram natureza e cultura; o meio ambiente é o pedaço de nós mesmos onde se forjam nossa identidade, nossas relações com os outros, nosso "ser-no-mundo" (LUFT, 1991).

A educação ambiental não é, portanto, uma forma de educação ou uma educação para... entre inúmeras outras; não é simplesmente uma ferramenta para a resolução de problemas ou de gestão do meio ambiente. Trata-se de uma dimensão essencial da educação fundamental que diz respeito a uma esfera de interações que está na base do desenvolvimento pessoal e social.

Mais do que uma educação a respeito do, para o, no, pelo ou em prol do meio ambiente, o objeto da educação ambiental é de fato, fundamentalmente, nossa relação com o ambiente. Para intervir do modo mais apropriado, devemos levar em conta as múltiplas facetas dessa relação, que corresponde a modos diversos e complementares de apreender o ambiente. Entendemos que na escola podemos contribuir com a formação socioambiental que aqui queremos registrar reflexões, assumindo que essa formação deve partir da vertente ambiental crítica, ou seja, a que visa superar a forma tradicional da educação ambiental que nos parece ser submissa à ideologia neoliberal, muitas vezes sem reflexões mais aprofundadas sobre nossas relações com o ambiente e a conjuntura atual que vivenciamos.

Entendemos por educação ambiental crítica a educação ambiental que assume como suas prerrogativas as esferas sociais, econômicas, políticas e culturais, para além das prerrogativas naturalistas e tecnicistas que estiveram presentes como princípios na origem da EA. Levando em conta reflexões sócio-históricas que atestam a indissociabilidade dos problemas ambientais e das esferas sociais, a necessidade de uma visão crítica e questionadora da EA se faz necessária, incluindo em sua práxis questões éticas e morais. Em sua perspectiva político-pedagógica, a EA crítica tem como princípios a cidadania ambiental, participação democrática, socioambientalismo e o caminho para sociedades sustentáveis (CARVALHO, 1995, 2002, 2004, LOUREIRO, 2004, 2006, GRÜM, 1996, GUIMARÃES, 2006).

Por isso defendemos a educação ambiental crítica que é bem mais complexa do que se pensa e exige diálogo, reflexão, movimento e ação. Seguir a vertente crítica não é tarefa simples e exige compromisso e fôlego para ir fundo em questões que questionam todo o sistema posto.

[...] a EA (Crítica) pode ser compreendida como uma filosofia da educação que busca reorientar as premissas do pensar e do agir humano, na perspectiva de transformação das situações concretas e limitantes de melhores condições de vida dos sujeitos – o que implica mudança cultural e social. (LOUREIRO, 2019,14)

A educação ambiental incorpora o pensamento crítico a partir de sua aplicação no campo educativo. A educação crítica teve sua origem nos ideais emancipatórios e democráticos de uma educação que almejava romper com uma visão de educação tecnicista, difusora e repassadora de conhecimentos, convocando a educação a assumir a mediação na construção social de conhecimentos implicados na vida dos sujeitos (CARVALHO, 2004). O encontro da educação ambiental com o pensamento crítico é potencializador de mudanças dentro do campo educativo

para uma leitura crítica do mundo uma vez que colocam a educação imersa na vida, na história e nas questões urgentes de nosso tempo. Se faz necessário que inclua também uma visão ético-estética, com subjetividades orientada por sensibilidades solidárias com o meio social e ambiental, e são nessas sensibilidades que a música aparece, como expressão da experiência estética para uma sensibilização ambiental e também social, capaz de remover nossas bases de referências racionalistas e fechadas para uma abertura sensível (HERMANN, 2005, 2010).

A educação ambiental crítica se constrói com diálogos profundos sobre questões importantes sobre o ambiente. O diálogo contempla a visão de mundo do aluno e do educador concomitantemente, sem hierarquia, a percepção de realidade dos sujeitos pode ser objeto de reflexão e análise de ambos. A educação ambiental crítica, aqui esplanada e almejada, é aquela que pode trazer mudanças significativas, novas posturas, deve propor ações carregadas de sentido e de significado que torna os sujeitos (aluno/professor) centro do processo de conhecer a realidade para transformá-la, buscando formas coletivas de agir no lugar.

As considerações acima citadas, ajuda-nos a estabelecer nossa reflexão e pensar na definição também do conceito de lugar nas práticas de educação ambiental. Neste trabalho, trazemos o significado vindo de áreas como geografia, psicologia e a própria área da educação ambiental, trazendo para a reflexão visões que interessam também ao campo do ensino de música. Para um melhor entendimento, fazemos uma contraposição entre os conceitos de lugar e espaço. Tratam-se de dois conceitos subjetivos que são construídos através das percepções dos indivíduos, pelas influências e cultura que nos cercam.

A concepção de lugar se caracteriza por envolver apontamentos subjetivos que refletem sentimentos e emoções por um determinado lugar, podendo variar desde sentimentos nostálgicos até sentimentos negativos. Lugar tem significados, nos remete a lembranças. Por outro lado, espaço não tem nome, nem significado. Lugar não é somente criado na mente de um indivíduo, nossos conceitos individuais de lugar são influenciados por aqueles que nos cercam e a cultura na qual vivemos (RESOR, 2010). É neste aspecto subjetivo de lugar onde gostaríamos de situar nossa reflexão.

Segundo Ingold (2015), de todos os termos que usamos para descrever o mundo em que vivemos, o conceito de espaço seria o mais abstrato e vazio, destacado das realidades da vida e da experiência. Espaço não tem significado, nem emoções. O conceito descreve o mundo em que vivemos de forma abstrata e fria, diferentemente do conceito de lugar, que envolve a sensação de pertencimento e acolhimento.

Em termos de ensino, uma educação baseada no lugar teria o processo de usar comunidades locais e o ambiente como ponto de partida para ensinar conceitos em arte, matemática, estudos sociais, ciências e outras disciplinas do currículo básico. Segundo Sobel (2004), experiências de aprendizagem no mundo real dentro da educação aumentam o desempenho acadêmico, ajudam os estudantes a desenvolverem laços fortes com suas comunidades, melhoram a apreciação dos alunos pelo mundo natural, criando um maior compromisso nas ações de cidadãos ativos, preceitos que convergem para os objetivos das práticas de educação ambiental.

Um relacionamento entre indivíduos e lugares deve evoluir do conhecimento para uma relação de intimidade, podendo ser desenvolvida a criação de vínculos. A educação baseada no lugar envolveria a ideia de um trabalho no, sobre e para o lugar para se aprender a viver melhor onde se vive, conhecendo e entendendo este local e isso implica diretamente na forma como nos relacionamos com a natureza.

A estratégia é usar contextos locais para se ensinar os assuntos escolares. Aqui queremos destacar o ensino de música, que nos parece devolver resultados para todos os interessados,

alunos, comunidade, professores, escola. Segundo Resor (2010), essa prática facilitaria a criação de alunos e comunidades engajadas, conscientes sobre a preservação de ambientes naturais e melhor desempenho acadêmico.

A perspectiva de uma educação baseada no lugar contribui para as práticas de educação ambiental pela atenção direcionada que seus praticantes dão aos aspectos, tanto naturais como sociais, do ambiente em que vivem. Essas ações geralmente envolvem as seguintes ideias: (a) fenômenos que cercam a comunidade são a base para o desenvolvimento curricular, (b) ênfase sobre os alunos tornando-os criadores de conhecimento e não apenas consumidores de conhecimentos criados por outros, (c) questões e preocupações dos alunos desempenham papéis centrais na escolha do que é estudado, (d) os professores agem principalmente como coalunos e "facilitadores" de recursos da comunidade e as possibilidades de aprendizagem, (e) as paredes entre a comunidade e a escola são cruzadas com frequência, e (f) o trabalho do aluno é avaliado com base em suas contribuições para o bem-estar da comunidade e sustentabilidade (MUHLE, 2012).

A educação ambiental leva-nos então a explorar os estreitos vínculos existentes entre identidade, cultura e natureza, e a tomar consciência de que, por meio da natureza, reencontramos parte de nossa própria identidade humana, de nossa identidade de ser vivo entre os demais seres vivos. O meio ambiente está cheio de recurso (para gerir, para repartir). A educação ambiental implica em uma educação para a conservação, para o consumo responsável e para a solidariedade na repartição equitativa dentro de cada sociedade, entre as sociedades atuais e entre estas e as futuras.

A situação atual de exploração e destruição do planeta, exige o desenvolvimento de habilidades de investigação crítica das realidades do meio em que vivemos e de diagnóstico de problemas que se apresentam. Trata-se, do ato de tomar consciência de que os problemas ambientais estão essencialmente associados a questões socioambientais ligadas a jogos de interesse e de poder, e a escolhas de valores. E de resto, a educação ambiental baseada no lugar estimula o exercício da resolução de problemas reais e a concretização de projetos que visam a preveni-los. O desenvolvimento de competências nessa área fortalecerá o sentimento de que se pode fazer alguma coisa, e este sentimento, por sua vez, estimulará o surgimento de uma vontade de agir.

Outra perspectiva relevante: o ambiente é um sistema que pode ser apreendido pelo exercício do pensamento sistêmico, pois mediante a análise dos componentes e das relações do meio ambiente como "eco-sócio-sistema" (GOFFIN, 1999), pode-se alcançar uma compreensão de conjunto das realidades ambientais. Neste ponto é que a educação ecológica intervém de maneira fundamental, levando a que se aprenda a conhecer a respeito de toda a diversidade, a riqueza e a complexidade de seu próprio ambiente; a definir seu próprio "nicho" humano dentro do ecossistema global e, finalmente, a preenchê-lo adequadamente. Além disso, a partir de uma perspectiva sistêmica e complexa, a educação ambiental leva também a reconhecer os vínculos existentes entre aqui e alhures, entre o passado, o presente e o futuro, entre o local e o global, entre as esferas política, econômica e ambiental, entre os modos de vida, a saúde e o meio ambiente etc.

O ambiente é o lugar em que se vive para conhecer, para aprimorar nossa relação com o mundo. É o ambiente da vida cotidiana, na escola, em casa, no trabalho etc. Uma primeira etapa de educação ambiental consiste em explorar e redescobrir o lugar em que se vive, ou seja, o "aqui e agora" das realidades cotidianas, com um olhar renovado ao mesmo tempo apreciativo e crítico, tratando-se também de redefinir-se a si mesmo e de definir o próprio grupo social com respeito às relações que se mantém com o lugar em que se vive. Esse deve ser um projeto

comunitário baseado nas práticas de pesquisa, intervenção e de reflexão no terreno da educação ambiental, desenvolvendo-se, assim, um "patrimônio pedagógico" que contém rica diversidade de proposições teóricas, de modelos e de estratégias, dentre elas uma maior e mais frequente utilização da música na escola.

O lugar da música e a música do lugar

Compreendemos que a música é uma experiência universal, um fenômeno presente em todas as culturas e por tanto extremamente diversificada e por isso mesmo, importante demais para não ser usada na educação. Entendemos que a música, tem sua relação direta com a cultura e com o meio ambiente. Ela encontra um espaço dentro de cada ser humano e dentro dos grupos sociais e espaços com significados e valores distintos, que se particularizam em cada contexto sociocultural. Assim, para pensar em educação ambiental é de grande relevância considerarmos o que nossos alunos gostam, ouvem e se interessam.

Observamos que é preciso entender a voz do estudante atual, seus ritmos, estilos sonoros, textos das letras e rimas que refletem o que eles sentem e querem dizer. Como expressão cultural, a música pode ser considerada veículo universal de comunicação, pois todos os grupos humanos realizam experiências musicais como meio de expressão, contato e representação de seus simbólicos culturais.

A diversidade musical se manifesta na escola, já que distintas expressões musicais adentram cotidianamente o universo escolar, vindas na bagagem cultural dos alunos, a partir das experiências sociais que estabelecem em sua vida cotidiana. Assim, de forma individual ou coletiva, seja ouvindo nas mídias sociais, assistindo na televisão, navegando pela internet, brincando com amigos etc. o fato é que a música está no nosso dia a dia e, de forma mais ou menos consciente, todos estabelecem algum tipo de relação com essa expressão cultural.

Nas últimas décadas se tem presenciado profunda modificação no pensamento, na vida, e no gosto das crianças, adolescentes e jovens, ainda mais em um momento pandêmico. Com o advento de novos paradigmas perceptivos, novas relações tempo e espaço, múltiplos interesses, poderes, modos tecnológicos de comunicação, crise ambiental e crise econômica. Verificam-se as transformações mais variadas que se processam simultaneamente, trazendo outras relações entre os estudantes, os equipamentos eletrônicos, os sons e a internet.

Observamos na escola o ritmo de pulsação excitante e envolvente da música que é um dos elementos formadores de vários grupos que se distinguem pelas roupas que vestem, pelo comportamento que os identificam e pelos estilos musicais de sua preferência, seja o Rock, MPB, Sertanejo, Pop, Reggae, Pagode, Funk, entre tantos outros.

Junto a essas mudanças ocorrem outras, que são de ordem interior, cada vez mais é notória as crises de ansiedade dentro das escolas, o índice de depressão e suicídio também ficando crescente. O que nos faz refletir e buscar alternativas que tanto eduquem quanto ajudem os alunos em suas angústias, medos e inseguranças. Precisamos refletir onde e como podemos melhorar a educação escolar.

Sabe-se que o método tradicional, no qual o professor é o sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, repassando seu conhecimento aos alunos, normalmente por meio de aula teórica, ainda é frequentemente utilizado. Porém, modernamente há novas possibilidades de ensino e métodos ativos que envolvem mais os alunos e conseqüentemente permitem um aprendizado mais efetivo (SOUZA, 2000). Nesse novo pensar de metodologias ativas e novas formas de

didáticas, se enquadra perfeitamente o uso da música desde a escuta ativa (SCHAFER, 1991) a análise de letras, e até mesmo o estímulo a composição autoral dos alunos, que podem ser desafiados a escrever/compor canções com a temática da educação ambiental.

Precisamos pensar em como levar conteúdos pedagógicos com mais leveza e mais prazer no ato de ensinar e aprender, seguindo os pilares básicos da educação, que são aprender a aprender, aprender a conhecer, aprender a viver juntos e aprender a ser (COMENIUS, 1997). Observamos no cotidiano dos nossos estudantes, a música presente por todos os lados, seja na convivência junto os amigos, ouvindo, consumindo e apreciando inúmeras músicas. Nesse caminho de convivência, suas escutas vão se formando e conseqüentemente o gosto musical de cada um vai sendo definido, e esse fato também precisa ser respeitado no âmbito escolar.

Os alunos acompanham os sucessos musicais, assistindo a vídeos clipes, na internet, e vivem envolvidos com as redes sociais. Este é o perfil do nosso aluno, ele é o grande receptor das músicas da moda. E como a escola tem lidado com esses estudantes? Excluem seus gostos e vivências quando entram na sala de aula? Ou usam essa ferramenta tão poderosa chamada música que pode inclusive, ajudar a manter esses alunos dentro do âmbito escolar. Será que estamos vivendo em um sistema engessado de ensino? Ao que parece nosso sistema educacional não abre janelas e nem dá asas para o aluno voar. Há muitas vezes um peso institucional sobre os alunos, que sobrepõem os desejos e a curiosidade de aprender pela experiência e vivência prática. Queremos voltar a sonhar com escolas que não sejam gaiolas, que aprisionam seus estudantes. Mas buscamos escolas que dão asas para seus alunos voarem (ALVES, 2005).

Pensamos que é necessário procurar e repensar caminhos que nos ajudem a desenvolver uma educação de inclusão musical que considere o mundo contemporâneo em suas características e possibilidades culturais, podemos oferecer um diálogo aberto com os alunos. Se o professor excluir as opiniões e gostos dos alunos, não será benéfico ao aprendizado. Inclusive essa atitude pode criar um grande hiato entre o professor e o aluno, entre a informação/educação e o estudante (DUARTE, et al, 2016).

Devido à dupla formação acadêmica em Pedagogia e em Música (da primeira autora), vemos a necessidade de trazer para o diálogo escolar também reflexões sobre o uso da música dentro da escola, inclusive assegurado pelos documentos legais da educação, como por exemplo na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) que a considera um componente importante das culturas humanas. Neste documento tão atual, também há o registro da importância da inclusão da música e da educação musical nas escolas na educação básica. Fonterrada (2004), em seu livro Música e meio ambiente (ecologia sonora) relaciona aspectos musicais do meio ambiente que precisam ser trazidos para a reflexão na escola.

A música evoca uma experiência universal, um fenômeno presente em todas as culturas e por tanto extremamente diversificada e, por isso mesmo, importante demais para não ser usada na educação (SWANWICK, 1982). Contudo, o ensino da música deve partir da vivência do aluno em sua realidade sociocultural, seus ritmos e gosto musical devem ser levados em consideração na escola. Lembramos que a contribuição dada por cada geração às suas sucessoras se revela como uma educação da atenção” (INGOLD 2010, p. 19).

O conhecimento não se processa “dentro de um sacrário mental interior, protegido das múltiplas esferas da vida prática, mas em um mundo real de pessoas, objetos e relacionamentos. A mente é um “órgão incontinente” que não admite ficar confinado dentro do crânio, mas que se mistura despidoradamente com o corpo e o mundo no conduto de suas operações, afirma (INGOLD, 2010). Assim, não é absorvendo representações mentais ou elaborando esquemas conceituais

que nós aprendemos, mas sim, desenvolvendo uma sintonia fina e uma sensibilização de todo o sistema perceptivo.

Neste processo, entendemos que a música pode envolver aluno e professor e assim ser uma boa aliada, ligando conexões neurais, órgãos corporais, contrações musculares (movimento e som) em um olhar sensível para o meio ambiente.

Carl Orff: um educador musical do século XX com lições para a atualidade

Falar em educação ambiental é falar em movimento e vida. Entendemos que a educação precisa também ter o seu olhar voltado para educação musical, para educação do ouvido, para educação do som, pois acreditamos que um olhar focado nesse tema é necessário e urgente (SCHAFER, 1991). Há um grande valor histórico, sociológico, educacional e psicológico nas ideias do educador musical Carl Orff, que podem ser utilizadas na educação para ajudar no processo de ensino e aprendizagem.

A abordagem Orff talvez nos ajude a olhar para a educação ambiental com enfoque no lugar, pois cada música composta vem de um lugar de vida. Ao refletirmos sobre a música observamos que faz parte do desenvolvimento integral do ser humano. É impossível desassociar o sujeito do seu lugar e da musicalidade também peculiar do lugar.

O músico e pedagogo alemão Carl Orff (1895-1981) criou uma proposta metodológica de ensino da música que tem como base a fala (língua), a música (canto, execução instrumental), o movimento (dança, passos, brincadeiras, deslocamentos e coreografias), e também a criação e a improvisação (ORFF, 1982).

Fundamentada no princípio filosófico da ontogenia, ciência que estuda o processo de maturação e desenvolvimento do indivíduo em todas as etapas do crescimento, a proposta pedagógica de Orff visa o ensino musical a partir da prática: fazer música. Orff fala de um desenvolvimento musical e que a criança percorre na sua aprendizagem musical as mesmas etapas que o ser humano atravessa até chegar a sua fase adulta.

Sabe-se que a música já é reconhecida pelos pesquisadores como uma modalidade que possibilita o desenvolvimento da mente humana. Ela pode promover o equilíbrio, trazendo inclusive um estado de bem-estar, ajudando na concentração e facilitando o desenvolvimento do raciocínio lógico e estimulando as questões reflexivas voltadas para ao desenvolvimento do pensamento.

Orff começou seus estudos de piano aos cinco anos, orientado por sua mãe, que era brilhante pianista. Interessou-se desde cedo pelas línguas clássicas, amava natureza, poesia e literatura. Estudou música formal na *Akademie der Tonkunst* em Munique. Nos anos de 1923 conheceu Dorothee Gunther, e a partir de diálogos e conversas entre eles surgiu a ideia da fundação de uma escola, onde pudessem treinar a música elementar

Ele pensava em música para todos, não buscava o virtuosismo nos alunos, mas sim a formação básica do indivíduo através da experimentação dos elementos da música. Na verdade, ele buscava uma integração dos elementos da linguagem falada, como ritmo, movimento, canção e dança. Ele desejava que as crianças criassem suas próprias melodias, assim era possível explorar sua imaginação.

Para isso ele estimulava que seus alunos olhassem para o lugar, para a sua própria cultura, para

as canções de tradição alemã. Para ele, a música é realizada no ato onde todos são participantes, e não apenas ouvintes. Orff organizou sua abordagem chamada de *Schulwerk*, que em alemão significa tarefa ou obra escolar. É um conceito pedagógico bem apropriado no ensino da música para crianças, que foi derivado da obra *Musik für Kinder* (em alemão, Música para crianças), sua obra *Gunild Keetmann*, foi publicada entre 1950 de 1954 em cinco volumes. Sua abordagem é usada até os dias atuais por mais de vinte países, que já traduziram sua obra, evidenciado assim a qualidade de suas ideias.

O *Orff-Schulwerk* baseia-se na música tradicional e folclórica alemã e, por sua vez, aponta que seus conceitos podem e devem ser adaptados à realidade musical de cada país onde é utilizado. Sabe-se, que muitas culturas possuem o movimento e a dança como elementos constitutivos, porém, as sociedades ditas mais civilizadas parecem ter descartado essa realidade e criado uma quebra na característica infantil de se movimentar e se expressar corporalmente. A abordagem *Orff-Schulwerk* retoma essas práticas e explorações como via para o desenvolvimento de caminhos criativos, emocionais, expressivos e reflexivos sobre os fenômenos musicais.

Para ele, todos são participantes e não apenas ouvintes no fazer musical. A tese de que a música começa no ser humano forma a base do conceito de educação musical de Carl Orff, que visa encorajar o fazer musical elementar. Linguagem, dança e música são formas iguais de expressão.

O cerne pedagógico do conceito da *Orff-Schulwerk* é o manejo criativo dos elementos da música, linguagem e movimento, que sugere substituir os modelos pela liberdade para a improvisação e o movimento. Com este objetivo, Orff fundou um instituto em Salzburgo em 1961 para a formação autêntica de professores. Os graduados do Instituto Carl Orff organizaram sociedades *Schulwerk* em 46 países e hoje ensinam o conceito de Orff/Keetman em todo o mundo.

Quando evocamos a abordagem Orff para que seja refletida nas práticas da educação ambiental com um enfoque e olhar sensível para o lugar, estamos acreditando que precisamos vivenciar e provocar vivências e experiências com a música do lugar do aluno, para que ele mesmo se abra para as possibilidades de reflexão sobre o ambiente, p criação e sensibilização de si mesmo. É um momento importante de desenvolvimento da estética do ser (HERMANN, 2011).

Orff trouxe uma das mais significativas conquistas do pensamento pedagógico musical do século XX, que foi entender o educando como núcleo vivo e ativo do processo de ensino/aprendizagem, ele reconhece a superioridade espiritual e humanista da educação musical (Gainza, 1988). A sua abordagem favorece a vivência da música, numa simbiose constante entre criatividade, improvisação e fruição do potencial musical humano, tendo na sua base o envolvimento do corpo enquanto fonte natural de criação e expressão de vivências artísticas. Assim, visando o crescimento holístico do ser humano (físico, sensorial, psicológico, intelectual e social e de sensibilização ambiental), a consciência de corporalidade forneceu a Orff sólidas bases filosóficas para a gênese da sua abordagem (KUGLER, 2011).

Apesar da abordagem Orff ter sido pensada em princípio para crianças, ela foi aplicada a jovens e adultos. Em Orff e Keetman consolidou-se a ideia de que todos, adultos ou crianças, encontram-se no denominador comum do ritmo, música, dança, linguagem e canto, mostrando que a sua abordagem pedagógica é indissociável do humano e aplicada a qualquer pessoa em qualquer idade (HASELBACH, 2011).

Em Orff aprendemos a olhar para o lugar, abrindo também os ouvidos, os olhos e todos os sentidos para os ritmos próprios da cultura do lugar, seus instrumentos, formas de movimento do corpo e de dança. Diante disso evocamos o conceito do ouvido pensante de Schafer (1991)

para refletir sobre a educação musical imbricada com a educação ambiental.

Considerações finais

A música e seu ensino são capazes de promover uma experiência estética que pode trazer emoções e sentimentos que nos permitam uma sensibilidade para uma formação ética. A estética nos permite uma percepção por inteiro, seria algo que afeta a sensibilidade, nos desestabilizando e permitindo mudanças de pensamentos e postura. A relação ético-estética entre a música, o lugar e educação ambiental é o que essa reflexão se propôs iniciar.

Entendemos a música como uma das potências da arte, capaz de sensibilizar e promover essa experiência estética. Neste ponto, a beleza presente nas manifestações de protesto, de crítica e de encantamento presente na música se junta aos objetivos da educação ambiental crítica. Esse movimento da experiência com a música pode nos proporcionar uma sensibilização moral que é basilar na educação ambiental. Assim afirma Flickinger:

A obra de arte é um convite insistente que nos deixamos sugar para dentro do espaço de um mundo novo, alheio. É o choque entre o nosso mundo da vida e a promessa desse novo mundo possível, o que nos leva à experiência de uma profunda irritação, irritação que nos impele a um posicionamento também novo, a um modo de abrir-nos, procurando lugar dentro do novo espaço. Isso se dá através da descoberta e do desmascaramento de nossos próprios hábitos, interesses e paixões, orientadores da postura anterior (FLICKINGER, 2000, 33).

Segundo Marin (2009), a experiência estética pode resultar, dentro da educação ambiental, em uma reflexão a respeito das perdas de contato com a concretude nos grandes centros urbanos e também a perda de contato com a natureza e o lugar habitado, em função da disseminação e proliferação dos não-lugares, que dessensibilizam cada vez mais o ser humano.

A experiência proporcionada pela música pode ajudar a promover o enfrentamento de grandes desafios da contemporaneidade: transpor a extrema racionalização que o condiciona ao conhecimento fragmentado e ao enrijecimento da poética e do imaginário, e pode despertar as vivências concretas de abertura ao mundo.

A experiência estética ao tocar o sujeito em suas questões éticas e morais o faz assumir uma postura diferente em relação aos seus antigos conceitos. Assumir uma educação ambiental articulada à música e ao lugar abre a possibilidade para uma vida com mais sensibilidade, seguindo um movimento dialético entre música, movimento e linguagem, tripé proposto por Orff com a perspectiva de formar pessoas melhores para cuidar do mundo (ORFF, 1963)

Referências

ALVES, R. O desejo de ensinar e a arte de aprender. Rubem Alves. - Campinas: **Fundação EDUCAR DPaschoal**, 2005.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BARBOSA, A. M. T. B. **Imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos**. SP: Perspectiva. 1991.

CARVALHO, I. C. M. Educação ambiental crítica: nomes e endereçamentos da educação

ambiental. In: Philippe Pomier Layrargues. (Org.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília(DF): Edições MMA, 2004, v. , p. 13-24.

CARVALHO, I. C. de M. Movimentos sociais e políticas de meio ambiente. A educação ambiental aonde fica? In: Fórum de Educação Ambiental, 3, 1995, São Paulo. **Cadernos...** São Paulo: Gaia, 1995. p. 58-62.

CARVALHO, I. C. de M. O “ambiental” como valor substantivo: uma reflexão sobre a identidade da educação ambiental. In: SAUVÉ, L.; ORELANA, I.; SATO, M. (Orgs.). **Textos escolhidos em Educação Ambiental de uma América à outra**. Tomo I. Montreal: ERE UQAM, 2002. p. 85-90.

COMENIUM, J. A. **Didática Magna**: tratando de ensinar tudo a todos. Tradução de Ivone C. Beneditti: São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DUARTE, C. F. et al. Educação ambiental: a música como meio para expressar as noções de meio ambiente. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 11, n. 4, 2016. INSS 1981-1764.

SWANWICK, K. e Taylor, D. **Discovering Music: Developing the Music Curriculum in Secondary Schools**, London: Batsford Academic and Educational Ltd., 1982

FLICKINGER, H. G. Da experiência da arte à hermenêutica filosófica. In: ALMEIDA, C. L. S.; FLICKINGER, H. G.; ROHDEN, L. **Hermenêutica filosófica**: nas trilhas de Hans Georg Gadamer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

FONTEERRADA, M. T. O. **Música e meio ambiente**: a ecologia sonora. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.

GAINZA, V. H. **Estudos de psicopedagogia musical**. Tradução de Beatris A. Cannabrava. 2.ed. São Paulo: Summus, 1988.

GOFFIN, L. L’*environnement comme éco-socio-système*. In: LORIAUX, M. *Populations et développements: tions et développements: une approche globale et systémique*. globale et systémique Louvain-la-Neuve/Paris: Academia-Bruylant/L’Harmattan, p. 199-230, 1999. Apud, Sauvé, Lucie. **Educação Ambiental: possibilidades e limitações Educação e Pesquisa**, vol. 31, núm. 2, maio-agosto, 2005.

GUIMARÃES, M. **Os caminhos da Educação Ambiental**: da forma à ação. Campinas: Papirus, 2006.

GRÜN, M. **Ética e Educação Ambiental**: uma conexão necessária. Campinas: Papirus, 1996.

HERMANN, N. **Autocriação e horizonte comum**: ensaios sobre educação ético-estética. Ijuí: Unijuí, 2010. (Coleção Fronteiras da Educação).

HERMANN, N. **Ética e estética**: a relação quase esquecida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 119 p.

INGOLD, T. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis Editora Vozes, 2015.

INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v.33, n1, p.6-25, jan./abr. 2010.

KUGLER, M. Introduction. In B. Haselbach, (Ed.). **Texts of Theory and Practice of Orff-Schulwerk - Basic Texts from the Years 1932-2010**. New York: Schott Music, Mainz,

2011, p. 14-43.

LARROSA, J. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação & Realidade**, v. 28, n. 2, 2003.

LOUREIRO, C. F. B. **Educação Ambiental: questões de vida**. São Paulo: Cortez, 2019.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004

LUFT, Lya. **Reunião de família**. São Paulo: Siciliano. 1991

MARIN, A. A. A percepção no logos do mundo estético: contribuições do pensamento de Merleau-Ponty aos estudos de percepção e educação ambiental. **Pesq. Educ. Ambient.** vol.3, n.1, p. 203-222, 2009.

MUHLE, R. P. Ações de Educação ambiental em unidades de conservação estaduais do Rio Grande do Sul. **Monografia**, 2012. Consulta em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/72384/000877908.pdf?sequence>

ORFF Carl. Orff-Schulwerk – Past and Future. In B. Haselbach (Ed.). **Texts of Theory and Practice of Orff-Schulwerk - Basic Texts from the Years 1932-2010**. Schott Music, Mainz, 1963, p. 134-159.

RESOR, C. W. Place-based education: What is its place in the social studies classroom? **The Social Studies**, v. 101, p. 185 - 188. 2010.

SOBEL, D. **Place-based education: connecting classrooms and communities**. Great Barrington: Orion Press, 2004.

SOUZA, P. H. **Metodologias ativas: o que as escolas podem aprender**. Belo Horizonte: Conhecimento Editora, 2020

SCHAFER, R. **O ouvido pensante**. Tradução de Marisa T. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva e Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.